

# O marxismo da internacional socialista

Caio Martins Bugiato

**Como citar:** BUGIATO, C. M. O marxismo da internacional socialista. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 49-52.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p49-52>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## O marxismo da internacional socialista

Caio Martins Bugiati\*

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial modificaram a sociedade europeia e posteriormente o mundo extra europeu na medida em que se colocaram como pioneiras das revoluções políticas e econômicas para o advento de um novo modo de produção. Enquanto os britânicos se destacaram na transformação econômica do processo de produção e assim se tomaram a oficina do mundo, os franceses se colocaram como o epicentro da revolução política contra o Antigo Regime, afirmando e difundindo a ideologia da burguesia liberal. Dessa maneira as antigas classes dominantes ou foram solapadas do poder ou enfraquecidas pelas revoluções democrático-burguesas em seus Estados nacionais.

Durante toda a primeira metade do século XIX, a burguesia, sob o preceito da dupla revolução lutou em toda a Europa pelo poder em busca da condição social dominante no ocidente, onde inaugurara a modernidade. Contudo, as revoluções da burguesia encontraram limites em seus próprios privilégios de classe, uma vez que um avanço democrático concretizaria as exigências do proletariado surgido na nova sociedade industrial. Por meios políticos, jurídicos e ideológicos, a burguesia se estabeleceu como classe dominante já em meados do século XIX, porquanto a subalternização dos operários era de fato vital para o capitalismo. Tal avanço significava a vitória incompleta da democracia, visto que o empenho revolucionário burguês se estendia até a conquista de seus direitos políticos e econômicos para uma ascensão social como classe, não comprometido com a democracia do povo.

O operariado, ao contrário da massa urbana inexperiente identificada com os primórdios da industrialização, na década de 1850 passou a combater a exploração da sociedade burguesa. Subseqüentemente, a difusão das idéias socialistas na segunda metade do século XIX preparou o proletariado a se organizar como classe, sobretudo como classe internacional, em direção à revolução. O movimento dos trabalhadores só se poderia constituir em âmbito global, uma vez que a economia capitalista havia tomado magnitudes mundiais. Logo, a organização internacional tanto se tomou ponto fundamental na luta da classe trabalhadora, como foi responsável pelas fundações das associações internacionais de trabalhadores para constituir uma direção com o intuito de derrubar o capitalismo.

Com efeito, foram as mudanças na economia – a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista/organizado, marcada pela Grande Depressão da década de 1870 – que transformaram o cenário político e econômico europeu. As dificuldades da marcha do capitalismo foram denotadas pelo protecionismo e pela concentração econômica que não fortaleceram, apenas evitaram um colapso no sistema econômico das burguesias nacionais.

O subproduto da Grande Depressão foi uma grande agitação social, aguçando a política revolucionária dos operários. Os trabalhadores teorica e organicamente mais coesos

\* Bacharel em Relações Internacionais da Unesp-MARILIA)

fomentaram um movimento objetivo de massas em direção ao socialismo, tendo sua maior expressão na Internacional Socialista. À luz do legado do marxismo, o movimento socialista europeu se atirou ao internacionalismo proletário, uma vez que a revolução só ocorreria se fosse em âmbito internacional.

A teoria marxista se organizou como a ciência do socialismo pelo fato de enxergar na história a práxis do desenvolvimento da humanidade. Tornou-se uma necessidade do movimento operário, pois seus conceitos eram os únicos capazes de esclarecer as situações de vida miseráveis dos trabalhadores e os únicos possíveis de serem aplicadas na política para reverter as condições de exploração. Destarte, o movimento proletário europeu encontrou a ferramenta para uma perspicaz crítica da ordem existente, deparou-se com o motivo pelo qual os operários eram sempre oprimidos e como nenhuma mudança dessa realidade era possível enquanto a ordem social capitalista não fosse substituída pela socialista. O marxismo mostrava aos operários europeus a importância da sua classe e a tarefa histórica que lhes cabia.

Ao final do século XIX o marxismo já se confundira com as exigências práticas do movimento operário e todas as ações dos socialistas se inspiravam na filosofia da práxis da obra de Marx. Logo, a característica fundamental da Internacional Socialista era a relação mais simplificada entre a prática política e o marxismo, visto que tal afinidade submeteu os partidos à fins práticos. Isso significou nas condições objetivas e subjetivas um admirável progresso para da consciência de classe no movimento operário moderno.

Ao mesmo tempo em que o proletariado internacional ansiava pela derrubada do capitalismo, enxergava a política do imperialismo como produto desse sistema econômico. Era fato que o fenômeno do imperialismo se tornara central na análise política do proletariado, uma vez que a almejada transformação social se chocaria diretamente com o motor econômico da ordem capitalista, isto é, o imperialismo.

Tal questão propiciava mais atritos que consenso entre os socialistas, visto que influentes teóricos burgueses jamais reconheceram a primazia da economia na conquista territorial, apelando para explicações que excluía a exploração do capital da sociedade moderna; alguns teóricos marxistas refutavam a ação revolucionária, ou alegando o anacronismo dos estudos de Marx sobre o capitalismo, ou afirmando um pacifismo frente ao desenvolvimento econômico; e a fase "*belle époque*" do capitalismo pós-1870 implicava em uma prosperidade da sociedade europeia que elevava o padrão de vida da população. Todas essas concepções permeavam o movimento operário.

A separação do marxismo em vertentes se deu pelas distintas formas de ação perante o cenário mundial que caminhava para a guerra generalizada. Havia a tendência centrista, representada por Kautsky que conservava o vocabulário e a ortodoxia marxistas, especulava sobre o caráter inevitável da evolução a fim de prever a revolução, mas se agarrava em um pacifismo atento; uma tendência revisionista, que se desenvolveu amplamente dentro dos grandes partidos social-democratas e que contava com a prática da vida parlamentar para melhorar a situação material da classe trabalhadora, bem como aceitava compromissos com a ideologia nacionalista e com o imperialismo; e uma tendência esquerdista, muito heterogênea e dispersa, que, não obstante, se manteve fiel à vontade de acabar na revolução e que confiava na greve geral para destruir o mundo capitalista.

Em verdade, resume-se o centrismo e o revisionismo à vertente reformista e o esquerdismo à vertente revolucionária. O reformismo sustentava que o socialismo poderia ter êxito mediante a revolução, mas também reformas importantes deveriam ser logradas durante o processo para se chegar ao socialismo. A vertente revolucionária assegurava que o socialismo não poderia existir sem a revolução, negando que a situação material dos trabalhadores vinha melhorando sob o capitalismo. Argumentava que o capitalismo já havia alcançado, ou estava alcançando, os limites da sua força expansionista e, assim, seria vítima de suas próprias contradições, pois seria obrigado a piorar as condições de vida dos trabalhadores no curso de sua sobrevivência. Se não havia chegado ao limite, havia possibilidades de que as lutas cotidianas conseguissem concessões, o que fortalecia os trabalhadores para a revolução. Segundo essa vertente, não se podia esperar pela revolução, mas sim preparar o operariado, angariando mais simpatizantes, para a tarefa que estava por vir.

Reformistas e revolucionários concordavam no ponto em que o capitalismo estava condenado, o socialismo estava destinado a ocupar seu lugar e o principal fator para o estabelecimento da nova sociedade sobre as ruínas do capital devia ser o proletariado como classe, realizando sua missão histórica. Todos os membros da Internacional Socialista estavam convictos sobre a necessidade revolucionária. Entretanto, referiam-se a muitas coisas distintas quando falavam em revolução; não lhes estava claro o que significava. Por mais que soubessem que se produziria um rompimento agudo com a velha ordem, implicando em novos valores e drástica mudança do sistema de poder, a transformação social poderia significar que a vitória do socialismo sobre o capitalismo fosse uma revolução, independente dos meios pelos quais se concretizasse.

Pertinentemente, para os líderes da Internacional o socialismo viria à tona por meio de ações como apoio da massa a um partido parlamentar, pela maioria parlamentar do partido socialista, pela votação de uma nova constituição convocando uma assembléia constituinte e pelo ultimato as classes dirigentes respaldado pelo movimento popular. Além disso, não excluíam a possibilidade das classes governantes oferecerem resistência, contudo esperavam não chegar aos disparos. Por mais, acreditavam que o proletariado constituía, ou não demoraria muito a ser, a maioria do povo trabalhador, avigorando as pressões populares. Ou seja, a revolução tinha que chegar por métodos parlamentares e "democráticos" sem o mínimo uso da violência.

Por mais reformas que a social democracia da Internacional tenha conquistado, o resultado foi o aumento do padrão de vida de parcela dos trabalhadores europeus, custeado pelos lucros imperialistas, mas não o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária. Os congressos da Internacional serviram de tribuna para moderar as questões de interesse geral do movimento operário, cujos debates apenas refletiram as crises profundas pelas quais nessa época passava o mundo socialista, não exercendo sobre ele mais do que uma terapêutica pouco eficaz. A coordenação e o controle de ação em escala internacional se faziam complexas, bem como a conciliação do imperativo estratégico da Internacional com as táticas diversas das situações nacionais.

Portanto, demonstra-se que o socialismo da Internacional Socialista era um movimento reformista e não revolucionário. A ação revolucionária perpassou o movimento somente porque a questão da guerra chamou os socialistas a tomar uma posição, dada a suposta iminência do colapso do capitalismo. De qualquer forma, o proletariado internacional se envolveu em uma

trama muito maior do que sua capacidade lhe possibilitava solucionar. Por conseguinte, a Internacional se esfacelou com a eclosão da guerra mundial, deixando que na Europa oriental se cumprisse o prenúncio de que a guerra europeia significaria inevitavelmente a revolução.

Inferese que a crise da social-democracia do início do século XX decorreu de dois planos aparentemente opostos, mas que se completaram no interior do movimento operário. Em primeiro lugar, os artifícios do liberalismo burguês para criar fatores de aglutinação social, seja pela implantação da rede pública de ensino, seja pelo serviço militar obrigatório, seja pelo monopólio dos meios de comunicação, mascararam a estratificação das classes sociais e fomentaram a identificação da massa com seus governantes com a finalidade de não abalar sua estrutura sócio-político-econômica, cunhando uma união nacional. Igualmente, a abertura democrática das classes governantes trouxe partidos e sindicatos para o jogo político do sistema burguês, aproximando a esquerda de um alinhamento mais amplo e favorável a reformas e concessões aos setores potencialmente revolucionários. Se por um lado o nacionalismo e a abertura democrática constituíram fatores endógenos, por outro, o imperialismo foi o fator exógeno. As guerras de expansão imperial implicaram na subalternização de povos de diferentes nacionalidades, minando a solidariedade entre as nações. Mais além, as finanças do imperialismo proporcionavam um alto grau de desenvolvimento econômico na sociedade europeia, atingindo inclusive a classe trabalhadora, cujos extratos superiores adquiriram padrões de vida pequeno-burgueses, dando origem à aristocracia operária.

Em segundo lugar, não só o imperialismo influiu na economia, mas também o curso da II Revolução Industrial, cujas inovações levaram o capitalismo a um período de prosperidade, mesmo na conjuntura da paz armada. Dessa nova fase da economia capitalista surgem o movimento operário da Internacional Socialista, concepções acerca da derrocada do capitalismo, o qual, segundo os reformistas, marchava para a socialização política e econômica, sem que houvesse necessidade de uma ruptura muito radical em direção ao socialismo. As políticas reformistas tomaram grandes proporções entre os trabalhadores, que se convenceram em sua maioria das práticas parlamentares para acabar com a pobreza e a exploração. Assim sendo, as políticas da burguesia, conscientes ou conseqüentes, desarmaram o proletariado internacional teórica e organicamente, deixando-o sem perspectiva revolucionária, a única que implicaria na superação da guerra e do capitalismo.